

CARROCEIROS EM PELOTAS: TRABALHO E AMBIENTE ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA

ERIC SILVEIRA BATISTA BARRETO¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – ericsbbarreto@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Pelotas - RS, passa atualmente por um processo de proibição do trânsito de veículos de tração animal no centro urbano, juntamente com a tentativa de substituição desses veículos por uma alternativa motorizada, cujo protótipo está sendo avaliado pela municipalidade (MENGUE, 2016). Tal processo impacta diretamente a vida de milhares de famílias (VELHO *et al*, 2007) que têm as carroças como única ou principal via de acesso à renda, e conformam, juntamente com seu animal de tração, o que se pode chamar de família multiespécie (INGOLD, 1995). Neste processo estão envolvidos diversos atores, e dentro dessa polifonia, os carroceiros representam a minoria social (MORENO, 2009). Entendemos que passam por um processo de estigmatização diretamente relacionado aos conflitos envolvendo as diferentes sensibilidades zoofílicas da sociedade contemporânea (LEWGOY *et al*, 2011). Aliado a casos reais de maus-tratos, dificuldade de conciliação com um trânsito automotivo intenso e problemáticas relacionadas ao lixo, o estigma de torturadores/escravizadores de cavalos concorre para que carroceiros se encontrem com reduzida capacidade de buscar reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2009). Este trabalho, parte de tese de doutoramento em curso, visa aprofundar a discussão sobre conflitos entre sensibilidades zoofílicas distintas dentro do contexto apontado.

2. METODOLOGIA

A metodologia fundamenta-se nas técnicas de observação flutuante (PETONNET, 2008) e observação participante (FOOTE-WHYTE, 1975; MALINOWSKI, 1984) junto aos carroceiros e outras pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com eles e no processo de substituição de seus veículos. Esta forma de apreender o ponto de vista do nativo, conforme alerta Velho (1987), implica em paradoxos e dificuldades decorrentes da tentativa de se colocar no lugar do outro. Por mais arguto que seja o pesquisador e por mais sofisticado o seu arcabouço teórico, algumas limitações permanecem neste difícil mergulho no universo pesquisado. Por isso a proposta de objetividade relativa, que pode ser alcançada através da crítica da própria cultura (WAGNER, 2010), desempenha papel teórico importante a permear a metodologia. De acordo com Cardoso de Oliveira (2000), a observação participante tem, entre as peculiaridades do trabalho de campo, os atos de olhar e ouvir, que proporcionam a vivência de uma realidade distinta, resultando em uma interpretação posterior.

Nesta etnografia, o registro da vivência em campo não pode restringir-se à textualidade, na medida em que outras grafias são acessadas dentro do plano metodológico. Assim, as fotografias (escrita da luz), são entendidas, como diz Guran

(1986), como instrumento sistemático de investigação, observando-se os preceitos éticos inerentes ao ato, devendo sempre prevalecer a autonomia e a vontade dos sujeitos com os quais se pesquisa (ROCHA *et al.*, 2009).

O suporte gráfico, da mesma forma, integra o processo da pesquisa, na forma de desenhos no diário de campo (AZEVEDO, 2016). Atualmente cresce o entendimento de que este representa um aspecto metodológico importante, ocorrendo o que podemos chamar de "virada gráfica" (BALLARD, 2013). Da parte do pesquisador, a formulação de diários gráficos durante o trabalho de campo (ELSIE, 1994) permite estender o alcance das percepções e visualizar o próprio processo de reflexão. Quando os interlocutores desenharam, por sua vez, como no caso das representações cartográficas (MARQUEZ, 2013), se descortina um mundo de sutilezas que nem sempre é possível apanhar na fala ou no texto. Assim, o desenho, feito tanto pelos antropólogos como pelos interlocutores, pode produzir pensamento e conduzir a pesquisa, tendo papel ativo no processo de trocas dialógicas durante o trabalho de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa tem buscado captar a complexa polifonia do processo de substituição das carroças. Desse modo, o contato com os trabalhadores que utilizam esse meio de subsistência é essencial, tendo sido feitas interlocuções com alguns carroceiros. O campo de estudo também dialoga com médicos veterinários, principalmente envolvidos no projeto de extensão "Ação de atenção a carroceiros e catadores de lixo de Pelotas, RS". A Faculdade de Medicina Veterinária da UFPel mantém um ambulatório próximo ao Loteamento Ceval, onde são atendidos gratuitamente os animais da comunidade, inclusive os cavalos de tração. O referido projeto também representa uma via de acesso aos carroceiros. A ONG Bem-Estar Cavalos é outra interlocutora importante, por acompanhar de perto a situação das carroças há vários anos e ser um agente reivindicativo significativo junto ao poder público, além de formadora de opinião na sociedade, através de campanhas de conscientização e denúncias de maus-tratos. Além disso, a pesquisa contempla conversas com a empresa Bioquim, responsável pelo veículo motorizado em avaliação para substituição da tração animal, inscrito em edital promovido pela Prefeitura Municipal. Já esta, finalmente, representa outra fonte importante de interlocução, já que é do Poder Executivo Municipal que emanam as políticas públicas que afetam diretamente a população.

4. CONCLUSÕES

A iminente proibição da atividade dos carroceiros no centro da cidade é uma parcela de fenômeno mais amplo que os atinge. A criação de animais de grande porte demanda razoável espaço físico, o que costuma levar muitas famílias para áreas consideradas de risco. As constantes remoções e a expansiva gentrificação das cidades-pólo, como Pelotas, representam desafios para a manutenção de animais de tração, independente da pressão para restringir sua circulação.

No momento, para além da discussão dos méritos ou deméritos de políticas públicas proibitivas, está a preocupação de como os principais afetados podem participar do processo. As famílias que utilizam veículos de tração animal dependem

de áreas livres e com pastagens para manter seus cavalos, frequentemente terrenos particulares, alvos de empreendimentos imobiliários, ou áreas pertencentes ao município, como as margens do canal São Gonçalo. De maneira geral, estão instalados em condições materiais bastante precárias, em regiões sujeitas a alagamentos e longe dos serviços básicos, e em meio a detritos que aumentam o risco de proliferação de zoonoses. Devido a isso, os cavalos ingerem resíduos plásticos e outras matérias prejudiciais, adoecendo e interferindo no rendimento econômico das famílias, que dependem da saúde dos equinos para trabalhar (ARAUJO *et al*, 2015). O uso dos espaços urbanos por essas comunidades marginalizadas dá ensejo a uma proposta metodológica transdisciplinar, como o proposto por Little (2006). Para o autor, a pesquisa ecológica trabalha costurando os lados supostamente opostos - o mundo da natureza e o mundo da cultura, sendo que somente a eliminação da distinção entre ambos poderia conduzir a uma ciência verdadeiramente ecológica. A metodologia etnográfica pode contribuir nos conflitos socioambientais na medida em que vai além das questões políticas e econômicas, abrangendo elementos cosmológicos, rituais, identitários e morais, nem sempre claros para outras disciplinas (LITTLE, 2006).

A interação com projetos de extensão, como o “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas (os) em formação”, contribui para pensar o ambiente a partir dos relatos de quem nele vive. Este projeto propicia a reflexão para além das carroças em si, ou do seu impacto no trânsito ou, ainda, sobre questões econômicas. Parte essencial da equação é o entorno que abriga e permite o modo de vida das pessoas em questão. Refletir sobre o Passo dos Negros contribui como ponto de partida para pensar as periferias pelotenses de forma mais abrangente, algo essencial, já que nelas se concentra a maior parte das pessoas que utilizam carroças para fins laborais. Para isto é imprescindível pensar junto com os moradores, ouvir suas narrativas e memórias e dialogar com a teoria antropológica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, L. O. de *et al*. Ação integral a carroceiros e catadores de lixo de Pelotas, RS. **Expressa Extensão**. Pelotas, v.20, n.1, p. 113-123, 2015

AZEVEDO, A. Desenho e Antropologia: Recuperação histórica e momento atual. In: **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol. 3, n. 2, p 15-32, 2014.

BALLARD, C. The Return of the Past: On Drawing and Dialogical History. **The Asia Pacific Journal of Anthropology**, 14:2, p.136-148, mar. 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

ELSIE. **Viens Chez Moi, J’habite Dehors**. Un carnet de voyage chez les sans-abri. Paris, Ed. Albin Michel Jeunesse, 1994.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando as máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

GURAN, M. Fotografia e pesquisa antropológica. In: **Caderno de Textos – Antropologia Visual**, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1986. PP 66-69.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. In: **ANPOCS. Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 10, n. 28, 1995.

LEWGOY, B. *et al.* Projeto de pesquisa: Espelho Animal: Antropologia das Relações entre Humanos e Animais. Consultado em 12 de novembro de 2011. In: <goo.gl/bJCIS>

LITTLE, P. E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARQUEZ, F. De Territorios, Fronteras e Inmigrantes. Representaciones Translocales en la Chimba, Santiago de Chile. Chungara, **Revista de Antropología Chilena**. Volumen 45, Nº 2, 2013. Páginas 321-332

MENGUE, A. **Prefeitura quer adotar "veículo" para substituição de carroças**. Disponível em <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNi0wMw==&codnoticia=42122>> Acesso em: 25 de nov. 2016.

MORENO, J. C. Conceito de minorias e discriminação. **Revista USCS**, Direito, ano X, n. 17, p. 141-156 – jul./dez. 2009.

PETONNET, C. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.

ROCHA, A. L. C. da *et al.* Ética e imagem: relato de um percurso. In: **Anthropológicas**, ano 13, vol. 20(1+2): p. 263-292, 2009.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VELHO, J. Inserção do Médico Veterinário nas Comunidades Carentes de Pelotas/RS, **2º Salão de Extensão e Cultura - 2º SEC**, Anais..., Pelotas: UFPel, 2007.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.